

TRATAMENTO ACADÊMICO

S.s.o.p.n.-13.06.87.-

José Augusto Pereira Zeka

00. – Depois do esforço de muitos anos, a consciência se aproxima do núcleo da própria identidade. É o que, neste instante, reconheço diante dos colegas da geração das décadas de 50 a 80. Permitam-me que diga, num apanhado de quem devassa o conjunto de sua experiência, o que devo à Faculdade de Direito antes e depois da Universidade Federal de Goiás. Como me aposentei, desprendi-me do fluxo do seu dia a dia, daí a vantagem de visualizar melhor o que recebi da instituição em que me pensei e repensei por longos e fecundos períodos escolares.

01. – Deu-me estímulo e ambiente para resistir à diluição na província. Há nesta, dada a tendência de se enfeudar, o perigo da auto-complacência no campo intelectual e de certa aversão ao que inquietou dúvida. Na Faculdade da rua "20" experimentei a pressão do perguntar de ondas sucessivas de jovens e usufruí o clima de inconformismo crítico entre os professores. Resultava o inconformismo do conhecimento dos debates cruciais exigidos pelo espírito do tempo. O do primado do social como auto-consciência individual ou como lei imposta da comunidade. O do conceito da agonia ou da expansão da liberdade na sociedade industrial de massa. O da inevitabilidade do poder burocrático sobre o Estado. O da razão do todo como idéia que determina o ser do indivíduo. A crise do socialismo com a "práxis" totalitária. A democracia pura como utopia ou como devenir da consciência social em estágio de autêntico humanismo.

A franquia ilimitada de questionar as ideologias protegia a Faculdade de Direito contra o provincianismo estreito.

02. – Vivi nela – e somente em suas salas e corredores seria possível então – a efervescência acadêmica dos anos 50. E, nesta noite, prolongo o eco da verdade histórica numa sinfonia de desinteresse e visão em seus três movimentos. O primeiro, o da audácia rompedora e cheia de riscos do Professor ERNANI CABRAL LOYOLA FAGUNDES, cujo pendor espiritualista não o impedia de afrontar refregas incertas no rumo que idealizava como o do futuro. O segundo, o da ação mental agitadora e semeadora do candidato e depois catedrático Professor JERÔNIMO GERALDO DE QUEIROZ. O terceiro, o da enchente debatedora desencadeada com as batalhas discursivas e analíticas dos concursos públicos, uma virada de acontecimento na sociedade de pioneiros.

03. – Estive na Faculdade de Direito ao nascer da Universidade Federal. Quando o horizonte científico e artístico do Centro-Oeste passou a se alimentar do horizonte cultural do país. A mudança GOIÂNIA ligara Goiás, por dentro, ao mercado nacional. A Universidade nossa interligava, em ofício diário, com a ciência e com a arte tentadas no Brasil. A nova mentalidade repercutia, com alguns anos de atraso, a mudança administrativa e econômica anterior. O chamado do livre pensar, do livre dizer, do livre perguntar, do livre conhecer – a voz mais que cinquentenária da Faculdade de Direito – foi a placa de aço dependurada na alma da Universidade. Da história não se arrancam pedaços, a não ser por falsificação. Este o fato indestrutível: nossa Casa foi o Gênesis, do seu mogno e de seu casarão se levantaram os sete dias da criação do mundo universitário goiano.

Este pedaço da história não poderá ser suprimido Jamais.

04. – Admirei a grandeza de colegas ante a humilhação e a violência da ditadura. A indestrutibilidade do caráter, quando um homem só em meio à pressão mais desvairada, mostra aos cétricos e aos cínicos lado vivo da essência humana. Quantos, e em referência pessoal lembro o professor JERÔNIMO GERALDO DE QUEIROZ, desviaram de membros da Congregação os golpes da delação. A maioria absoluta não cedeu a todo propósito terrorista do arbítrio. Não se sobreviveria naqueles tempos sombrios se, com estoicismo e inteligência astuciosa, esta maioria não preservasse a dignidade do professor de Direito. Raros, raríssimos, abdicaram desta nobre condição para a de policial perseguidor. Por aqueles, com eles, a casa da rua "20" continuou, conservando seu conteúdo básico e não se degradando, a Casa do Direito que resistia à arrogância do poder de fato.

05. – Recebi na consciência, ao subir e ao descer as escadarias da Faculdade, o choque histórico da década de cinquenta (a das oscilações da re-

democratização começada no pós-Guerra) até a década de sessenta (a do reinício da ditadura militar). Convivi com o que havia de mais goiano, de mais minha gente, de mais brasileiro, em sua interioridade, em sua expressão, em sua aspiração regional. A Faculdade, naqueles prenúncios da Borrasca e durante a tormenta, permaneceu de peito em frente, e não de costas, para o signo do Estado de Direito. Atitude que, ao se descerrarem as portas da abertura de anos atrás, ágil lhe garantiu retornar à possibilidade da ordem democrática.

Apreendi em seu seio a inquietude, que não é neurose e sim busca do valor, de quem se informa e procura escolha na luta fatidica entre liberdade e anti-liberdade, entre o absoluto do Estado e o irreduzível da pessoa humana, entre determinação otimista do progresso e conspiração travadora por parte de qualquer tipo de oligarquia, entre crítica e dogma, entre espírito de justiça e entropia do interesse corruptor, entre múltiplas formas de totalitarismo confesso ou farisaico e democracia simplesmente democracia.

06. – Na cátedra, e não de cátedra, entre o povo moço da terra em que nasci, absorvi a idéia em incessante renovação.

A de que a democracia política é a substância da democracia econômica e da democracia social.

A de que a democracia é fim e não meio para auto-extinção, mas o em si que vem para si através dos outros numa ação necessariamente contraditória.

A de que o poder se legitima pela vontade da maioria fixada em torno de determinado momento do tempo histórico.

A de que a estrutura democrática se particulariza como antiditatorial, anti-repressiva, civilista, anti-monopartidária.

Conduzida no conceito de instituição flexível para acesso da maioria da sociedade ao poder mediante primazia absoluta do voto livre.

07. – Assim enxergo o espírito da nossa Casa. Através dele respeito e labuto para ser digno da amizade de cada membro desta família cultural, desta família intelectual, desta família científica. Sim, repito agora com a densidade de uma certeza reanimadora, a família mais elevada em sua responsabilidade intelectual no coração da pátria.

Não importam detalhes de aprendizado e de experimentação, sempre me orgulhei de aprender entre os melhores de Goiás, aqui, na Congregação da Faculdade de Direito, junto aos que já passaram e aos que estão presentes, tão vivos em sua consciência universitária como nos emocionou a saudação do Professor LICÍNIO LEAL BARBOSA.

O que ouvi pendurarei na parede da alma para ver e rever, sobretudo na hora mais silenciosa em que o homem precisa acreditar e não desesperar. Neste encontro sinto como sou filho agradecido da Faculdade de Direito, a quem devo poderosa razão para viver. Minha forma de agradecer é um agradecer permanente. Não esqueço nunca que transporto comigo o título de nobreza intelectual como colega dos professores da nossa Faculdade.

(Agradecimento à saudação do Prof. Licínio Barbosa, no banquete que lhe ofereceu a Faculdade de Direito da UFG, no salão Marrom do Hotel Bandeirantes, a 17.06.87.)